

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

PERFIL HISTÓRICO-LINGUÍSTICO DO NOME VÍMARA.

PIEL, Joseph M.

Ano: 1968 | Número: 78

Como citar este documento:

PIEL, Joseph M., Perfil histórico-linguístico do nome Vímara. *Revista de Guimarães*, 78 (1-2) Jan.-Jun. 1968, p. 77-84.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Perfil histórico-linguístico do nome *Uimara*

Pelo Prof. Dr. JOSEPH M. PIEL
Da Universidade de Colónia (Alemanha).

O nome do ilustre «presor» de *Portugale*, em 868, responde a um antropónimo, que, isolado ou acompanhado de um apelido-patronímico, ocorre com bastante frequência na documentação medieval de todo o norte da Península, desde a Galiza e o norte de Portugal através das Astúrias, de Leão e Castela até Aragão e Catalunha. Entre as numerosas abonações, cuja transcrição se tornaria fastidiosa, citemos, um pouco ao acaso, algumas das mais antigas.

Uma testemunha *Vimara* assina, nos *Diplomata et Chartae*, p. 5, o documento atribuído ao ano 870. Seguem-se, nesta mesma colecção: *Uimara* a. 882, p. 6; *Vimara (Froilani)* a. 911, p. 12; *Vimara* a. 915, p. 13; *Uimara* a. 978, p. 124; *Vimara* a. 1045, p. 208; *Guimara (aluacir)* a. 1046, p. 215; *Gimara* a. 1047, p. 220; *Vimara* a. 1071, p. 306; *Vimara* a. 1092, p. 463; *Vimara (Gonde-sendiz)* a. 1100, p. 547; *Guimara (Aurioliz)* a. 1104 DMP III, p. 137; etc. A «Diplomatica española del periodo astur», de A. C. Floriano, oferece, entre outros exemplos, *Vimara* a. 867, vol. II, p. 32; a. 882 p. 140; a. 900, p. 268. Do extremo nordeste da Península, citemos apenas, extraídos do «Archivo Condal» de Barcelona, *Guimara* a. 931, p. 99; *Vuimara* a. 959, p. 51; *Guimara* a. 986, p. 154. Estas amostras constituem apenas uma fraca parte dos exemplos que facilmente se poderiam reunir.

Não sofre a menor dúvida que *Wimara*, *Uimara*, *Vimara*, *Guimara* vem a ser um antiquíssimo nome pessoal visigodo. Ainda no séc. VII, vamos encontrar um «vir illustris» *Wimar*, que figura entre as notabilidades de três concílios de Toledo (os de 681, 688 e 693; cf. «Fontes Hispaniae Antiquae», fasc. IX, pp. 348, 360 e 367). Esta forma sem *-a* final volta a aparecer como nome de um bispo, mencionado em 834, num diploma da «Catalunya Carolíngia», p. 121 e sgs., assim como o de um vassalo de Luís o Piedoso, num documento de 833, na Hist. Générale de Languedoc.

Tendo o autor admitido, há tempos (1), que *Vimara* se deveria pronunciar na primeira sílaba, convenceu-se posteriormente da fragilidade dos argumentos em que naquela ocasião se estribara. Com efeito, tratando-se manifestamente de um nome binário, **Wi-mara* ou **Wim-ara*, em que entram dois temas autónomos, dos quais o segundo não se pode equiparar a um elemento sufixal átono, como p. ex. *-ila* em *Fáf-ila* etc., o primitivo acento histórico deveria deslocar-se, em conformidade com o normal processo da romanização do onomástico germânico, do primeiro elemento de composição para o segundo. Os nomes de lugar *Guimbra*, *Guimbras*, *Guimbres*, *Quimbres* não constituem prova em contrário, pois creio hoje que, a pesar das aparências, nada têm que ver com o nome pessoal em causa (2), devendo antes corresponder a um antigo nome comum, regional, ainda por explicar (3). A frequência do topónimo *Guimbra*, que ocorre umas oito vezes no norte de Portugal, estaria

(1) Cf. *Os nomes germânicos na toponímia portuguesa*, sep. do *Bol. de Fil.*, Lisboa 1963, art. 812 e 820, p. 177 s.

(2) Também o Dr. Joaquim da Silveira admitiu, na *Rev. Lus.*, 33 (1941), p. 266, que *Guimbres* se deveria explicar como sendo o antigo patronímico *Guimar-izi*.

(3) O autor chegou a pensar no lat. *VIM-INA*, plur. de *VIMEN*, *-INIS*, mas isto significaria admitir um tratamento fonético, próprio do castelhano *mimbre*, *sangre*, etc., mas alheio às regiões, que aqui interessam.

em flagrante contradição com a regra geral de que os nomes visigodos masculinos em *-a*, assumindo a função de nomes de «possessores», e daí de topónimos, perduram normalmente na forma do genit. em *-anis* (*Vimar-anis*: *Guimarães*, gal. *Guimar-âns*, *Guimar-âs*) ou, mais raro, na do acusativo em *-ane(m)*: cat. *Guimerá*, ant. *Ghimarane*, a. 881. É significativo, nesta ordem de ideias, o facto de, em face da abundância do top. *Guimbra*, não se descobrir nenhum exemplo de **Guimbrâes*. Conhecemos apenas dois casos em que, na toponímia hodierna, persiste a forma do nominativo: *Guimara*, lugar do concelho de Cantanhede, assim como município da prov. de Leão, a qual, aliás, vem confirmar de modo flagrante a acentuação paroxítona, admitida com base em outro critério, morfológico. Para mais, não seria de conceber a conservação do *a* do segundo tema, nos topónimos *Guimarães*, etc., se a acentuação do nome pessoal não tivesse sido *Guimára* < *Wimára*. A grafia com *-e-*, que temos em *Uimera* (*Peláiz*), num doc. dos fins séc. XI, DC p. 531, n.º 895, e, esporadicamente, num ou noutro caso, é tão excepcional que a podemos atribuir a um descuido do copista.

Do ponto de vista fonético, é ainda de notar que a grafia da consoante inicial vacila, no NO, entre *v-* e *u-*, sendo esta última a mais legítima, pois reflecte uma antiga pronúncia bilabial, mais visível na Catalunha, onde o nosso nome se escreve, nos séc. IX-X, *Wimar*, *Hwimar* e *Vuimara* (1). Esta pronúncia medieval pode inferir-se também da futura evolução da referida consoante para *gu-*, já patente nalgumas formas antroponímicas acima citadas, e que é comum a toda a linhagem toponímica respectiva. Sabido é que *gu-* representa o normal reflexo românico do *w-* germânico.

O que se torna mais difícil, é a análise etimológico-semântica de *Wimara*. É verdade que nada obsta a que cindamos esta formação nos elementos *wi-* e *-mara*, vendo

(1) A grafia com *w-* ocorre também esporadicamente em território português.

no primeiro o gót. **weig* 'luta' (com absorção do -g- pelo -ei-, foneticamente equivalente a um *i* longo) (1), e no segundo o gót. **marba* 'cavalo', que consta p. ex. do nome ostrogodo *Mara-badus*, visigodo *Mara-fredus* e, o que mais importa, *Erpa-mara* (reconstituído através de *Eterpamara*), nome de uma rei visigodo, mencionado por Jordanes. A existência, no onomástico hispano-godo, de formações semânticamente congêneres, como *Eue-nando* < *aibvs* = lat. *equus*, e *nanths* 'audaz' (veja-se o vol. 63, 1953, p. 145 desta Revista), tornaria altamente aceitável este modo de ver, independentemente do problema de saber qual o valor concreto que se deve atribuir à noção de «cavalo» no contexto onomástico. (Poderia pensar-se no cavalo como animal sagrado, ou nobre, ou naquele que faz o cavaleiro). Existe, porém, uma dificuldade morfológica, que não se pode passar em silêncio. O elemento constitutivo em causa apresenta-se normalmente na forma sem -a, -mar: *Visi-mar*, nome de um rei vândalo, e análogamente, na toponímia portuguesa, *Armamar*, *Gondomar*, *Guisamar*, *Lomar*, gal. *Ansemar*, etc., que pedem, ao que parece, antigos genitivos em -mari (cf. ant. *Nanto-mari* e *Gonde-mari* [*Julianus* ~] DC 1079, p. 345) e, por consequência, nomes pessoais em -us, como *Griso-marus*, a. 959, DC, p. 48, *Greso-marus*, a. 919, DC p. 15, de tipo «forte», quer dizer inconciliáveis com o tipo, absolutamente isolado, *Vimara* (2). (Parece-me muito suspeita a única forma aberrante *Guimarus*, que figura como nome de um «presbítero» num documento de 1005, DC p. 127, pois em todos os outros casos *Uimara* se revela absolutamente refractário a uma latinização em -us, ou romanização em -o). Para sair deste dilema,

(1) As formas *Wigmar* e *Wicmar* constam do *Alteutsches Namenbuch* de E. Förstemann, vol. I, col. 1586.

(2) Ignorando o que possa significar a sequência *azu-* top. galego *Azumara*, na prov. de Lugo, o qual já aparece com esta forma em documento antigo, não me atrevo a pô-lo em pé de igualdade com *Uimara*. — Constitui um problema à parte o nome de mulher *Guimar*, abonado desde o séc. XIII.

ser-nos-ia necessário postular um antigo dualismo morfológico, ainda gótico, *-mar(h)s* frente a *-mara*, constituindo *Uimara* o último sobrevivente deste último tipo, presumivelmente mais arcaico.

No entanto, existe talvez outra possibilidade de encarar este espinhosíssimo problema. Com efeito, o bem abonado nome medieval *Uima-redus* (cf. *Uimaredo* a. 1043, DC p. 201, patronímico *Uimarediz* a. 1008 DC 124, *Uimareu* a. 938 DC p. 29, *Uimareo* s. XI, DC 124, etc.; cf. o top. *Guimareí*), assim como *Guima-rigus* a. 951, DC p. 36, patenteiam um tema original **wim-*, de origem e significação desconhecidas, o qual porém não deixaria de justificar o corte *Uim-ara*, deixando entrever, como segundo componente, o gót. *ara* 'águia', e fornecendo ao mesmo tempo uma explicação da insólita terminação *-a*. (1). Infelizmente, também esta sugestão apresenta um inconveniente. Com efeito: se *ara*, o nome do rei das aves, entra numa considerável série de antigos antropónimos germânicos, como, no âmbito galaico-português, *Ara-gildus*, *Araguntí* f., *Aro-sindus*, *Ar-ulfus* etc., não conhecemos nenhum exemplo em que funcione como segundo termo de composição. Em face deste dilema, não nos atrevemos, por ora, a tomar uma posição definitiva.

Na formação dos patronímicos tirados de *Uimara*, o tipo normal e próprio do esquema morfológico respectivo, vem a ser o em *-axi*, *-ax*: *Uimaraxi* (*Gauino* ~) a. 1080, DC p. 356, *Uimaraxi* (*Cresconio* ~) a. 1089, DC p. 432, *Vimarax* (*Froilo* ~) a. 1112 DMP III, p. 348, *Guimarax* (*Guimara* ~) a. 1220, Inquis. p. 147.^a, etc., sendo mais raro o tipo, menos legítimo, em *-iz(i)*: *Uimariz* (*Fafila* ~), a. 976, DC p. 73, *Uimariz* (*Ero* ~) a. 922, DC p. 16, *Guimariz* (*Menendus* ~) a. 1040, DC 190. Uma terceira variante, absolutamente aberrante, aparece em *Guimarani* (*Lucido* ~) a. 922, DC p. 16. (2).

(1) A flexão *-a,-ans* infere-se do nom. plur. *ar-ans*, abonado na Bíblia Wulfilana (L 17,37); cf. a edição de Streitberg.

(2) O contexto latino reza: «...et illa regina excitabit naues in portugale cum suos comites lucido uimarani et roderico luci...» Em princípio poderia ver-se em *uimarani* um dativo, mas, abstraindo do facto de que se trataria de um caso caduco, o patronímico *luci* não favorece este modo de ver.

A quase totalidade dos lugares, que devem o seu nome a antigos possesores, chamados *Uimara*, reflectem o tipo consagrado (*villa*) *Guimār-ānis*, repartido hoje cerca de vinte vezes pelas províncias galaico-portuguesas. Esta desinência do genitivo hispano-godo adopta, segundo as regiões, os matizes fonéticos: *-anes*, *-ães*, *-áns* e *-ás*. Apontemos os exemplos. Na localidade galega denominada *Guimaranes*, mun. de Piñor, prov. de Orense, creio ter havido uma castelhanização violenta de *Guimar-áns*, nome de cinco povoações galegas, situadas nas prov. da Corunha (mun. de Ames, La Baña 2, Padrón) e na de Pontevedra (mun. de Nieves). A forma *Guimar-ás*, com assimilação do *-n-* ao *-s*, ocorre nada menos de nove vezes, ou seja na prov. de Orense (mun. de Allariz, Esgos, Irijo), bem como na de Lugo (mun. de Begonte, Corgo, Muras, Otero de Rey, Pantón e Paradela).

O norte de Portugal apresenta uniformemente *Guimar-ães*, nome que é não só o da vetusta cidade minhota, mas também de sete outras povoações, situadas nos conc. de Amarante, Baião, Guimarães, Gaia, Mangualde e Viseu, respectivamente. Não incluo neste número a povoação homónima, situada no conc. de Torres Vedras, que se encontra longe da zona nortenha, onde o referido tipo toponímico criou raízes, anteriormente à expansão política para o Sul. Deve tratar-se, aqui, de um apelido, relativamente recente, tirado do nome geográfico em questão, única explicação admissível em relação à *Quinta do Guimarães*, no conc. de Viseu, e de outra quinta, na fr. de Carnaxide, conc. de Lisboa.

No que toca à forma não flectida, *Guimara*, já notamos acima que ocorre apenas duas vezes, uma no conc. de Cantanhede, e outra na prov. de Leão. Como exemplo de um topónimo tirado do caso oblíquo *Uimar-ane(m)*, só podemos aduzir o nome do mun. catalão *Guimerá*, situado na prov. de Lérida. Deste esboço geográfico, embora sumário, resulta que *Uimara* foi um antropónimo medieval particularmente estimado no extremo Noroeste da Península, podendo mesmo imaginar-se que a fama do presor de Portugale, *Vimara Pérez*, quer

dizer «filho de *Pe(d)ro*», não teria sido alheia à sua expansão.

Faltaria alguma coisa a estes apontamentos, se não nos referíssemos a três outros nomes de lugar, indirectamente relacionados com o antropónimo, que estamos a comentar. Referimo-nos a *Grimancelos*, nome de uma freguesia do conc. de Barcelos, *Grimancinhos*, lugar da fr. de Cossourado, situada no mesmo concelho, e *Guimarentinhos*, lugar da fr. de Chãs de Tavares, conc. de Mangualde. Ambas estas formas foram proficientemente estudadas pelo Dr. Joaquim da Silveira na Rev. Lus., vol. 35 (1937), p. 121. Trata-se de antigos étnicos, formados por meio dos sufixos deminutivo-afectivos *-ic-ellos*, *-ic-inos*, e alusivos a povoadores vindos de Guimarães. As formas medievais respectivas não admitem outra interpretação. *Grimancelos* corresponde a *Guymaranicelos*, nas Inquirições de 1220, p. 298; *Grimancinhos* é chamado *Vimaranzinus* (com *-us = -os*) num documento de 1059; *Guimarentinhos* é manifestamente de formação mais recente, pois liga-se directamente ao nome da freguesia de Guimarães, situada no concelho de Mangualde, ao passo que *Grimancelos* e *Grimancinhos* se prendem com grande probabilidade ao nome da cidade de Guimarães.

Nota final

Num valioso estudo, intitulado «Sobre o antropónimo *Vimara*» e publicado no Bol. Cultural da Câmara Municipal do Porto, vol. XXXI, 1968, fasc. 1-2, o Rev. P.^e Domingos A. Moreira defende, com argumentos dignos de serem ponderados, a prosódia *Vimara*. Tendo este artigo chegado às nossas mãos já depois de composta a presente achega, deixamos para outra ocasião a apreciação do ponto de vista respectivo. De entre os

elementos novos, apontados pelo citado Autor, registemos, desde já, o top. astur. *Guimarán* (no mun. de Carreño), a juntar ao cat. *Guimerá*, assim como a informação de que a pronúncia local do top. *Guimara*, do conc. de Cantanhede, ser proparoxítona, e que *Guimbra*, no conc. de Resende, admitiria a variante *Guimara*.